Globethics Repository



A ética na filosofia de Friedrich Nietzsche [The ethics in the philosophy of Friedrich Nietzsche]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Tasso Barros, Alberto
Publisher	Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-14 08:25:11
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/228968

Ano 4 - Número 1 - 1º. Semestre de 2008
www.unasp.edu.br/kerygma
pp.45-51

ARTIGOS

A ÉTICA NA FILOSOFIA DE FRIEDRICH NIETZSCHE

Alberto Tasso Barros
Estudante do terceiro ano do curso de Teologia do Unasp,
Centro Universitário Adventista de São Paulo,
Campus Engenheiro Coelho, Brasil
tassoalberto@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo delineia um comparativo entre as implicações da aceitação do cristianismo pela sociedade e a não-aceitação do mesmo, defendida por Friedrich Nietzsche. Para essa análise é imprescindível se deter nos principais aspectos dos ideais do cristianismo e dos ideais amparados por Nietzsche. Tal análise possibilita a conclusão sobre as contribuições que a sociedade e o indivíduo podem usufruir ao optar por rejeitar o cristianismo ou então aceitá-lo.

Palavras-chave: cristianismo, ética, filosofia, Friedrich Nietzsche, imortalidade de Deus.

ETHICS IN THE PHILOSOPHY OF FRIEDRICH NIETZSCHE

ABSTRACT: The present article worked out a comparison between the implications of the acceptance of the Christian Faith in Society and its rejection, as proposed by Friedrich Nietzsche. For such an analysis, it was necessary to focus in the main aspects of the ideals of the Christian Faith and the ideals sustained by Nietzsche. The analysis made it possible also to reach some conclusions concerning the benefits that a society and the individual can enjoy from the acceptance or rejection of the Christian Faith.

Keywords: Christian Faith; Ethics; Philosophy; Friedrich Nietzsche; immortality of God.

1. Introdução

O cristianismo é constantemente atacado por ser considerado irracional e impraticável. Desde o seu surgimento, muito críticos o acusaram de falso. Com o advento do Iluminismo chegou ao ponto de usar o homem como medida para todas as coisas, negando por completo a religião. No entanto, "chegou-se perto de fazê-lo a medida do nada"[1]. Friedrich Nietzsche se projeta como um dos maiores opositores do cristianismo e do teísmo nos séculos XIX e XX. Mas, sua filosofia seria capaz de destruir o cristianismo? O seu pensamento estabelece bases lógicas? E quanto a moral? Seria a moral nietzschiana praticável? O objetivo desse breve estudo é constatar qual das duas cosmovisões preenche melhor as exigências éticas do ser humano.

Serão apenas apresentados os pontos principais da cosmovisão que abrange a filosofia nietzschiana e portanto há espaço para outras abordagens quanto as possibilidades de crítica do seu pensamento.

A primeira parte resgata o contexto histórico em que a filosofia de Nietzsche foi formada. Em seguida, serão apresentadas as principais idéias de seu pensamento. Por último, será feita uma crítica, a partir da perspectiva cristã, de sua moral.

2. O pensamento Nietzschiano

Durante o século XVIII e início do século XIX a explosão da tecnologia, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial promoveram sentimentos de euforia e otimismo. No entanto, alguns filósofos surgiram com a doutrina do niilismo. Baseado na negação da ordem social, do esteticismo (supremacia dos valores estéticos) e da metafísica-teológica cristã, o niilismo favorecia o utilitarismo e o racionalismo científico.

Na segunda metade do século XIX, Friedrich Nietzsche (1844 – 1900) segue essa doutrina como destino histórico, desencadeado pela morte de Deus. O niilismo não é, para Nietzsche, a interpretação deste ou daquele espírito, nem um acontecimento histórico, mas o advento da consciência de que todos os valores que até então davam sentido à vida humana se tornaram caducos.[2] O pensamento nietzschiano requer a "transvalorização" dos valores tradicionais.

2.1 O homem, segundo Nietzsche

O homem nietzschiano não é um *individuum*, pois nele não há átomos nem essências, mas a totalidade do orgânico/inorgânico. Para Nietzsche, a perspectiva dualista de corpo e alma[3] é equivocada, porque o "nosso corpo nada mais é do que um edifício coletivo de várias almas" [4].

O filósofo rompe com a noção grega clássica do ser humano como racional e com a noção cristã do ser humano como imagem de Deus. O homem nietzschiano se assemelha à visão grega pré-socrática de não negação dos impulsos naturais, os quais sempre devem se exprimir. A humanidade carece entrar em contato com sua "fereza" e seus pressupostos "maus sentimentos". Portanto, o instinto é visto como "força reguladora e vitalizante"[5]. O *Homo sapiens* desejável, denominado "além-do-homem", é o próprio

[1] Henry Grunwald, "The year 2000: is the End - Or Just the Beginning?" in *Time,* 30 de março de 1992, p. 94.
[2] J. Philip Wogaman, *Chistian Ethics: a historical introduction* (Lousville, Kentucky: John Knox Press, 1993), p. 161.
[3] Segundo Nietzsche a alma, da perspectiva metafísica-cristã, é inexistente. Alma é compreendida como seres microscópicos que formam o corpo.
[4] Friedrich Nietzsche, *Beyond Good and Evil* (Chicago: Henry Regnery Company, 1966), p. 19.
[5] Leopoldo Jesús Fernandes González, "A estética da vitória na filosofia de Nietzsche" in *Fragmentos de Cultura,* vol 10, n.4, Goiânia, jul/ago de 2000, p. 809 e 810.

homem superado. O ser humano seria uma corda estendida entre o animal e o além-do-homem e este visa a supremacia de si, rompendo com a submissão universal ao cristianismo. [6]

2.2 A vontade de potência e o relativismo

A vontade, elemento central no pensamento de Nietzsche, não é apenas uma faculdade humana, mas é a própria essência do ser com a qual se identificam conhecimento e vida.[7] Ela é resultado de um jogo de forças que provoca o agir e o dever. É a vontade de potência que gera a vontade de vida, pois somente onde existe vontade, existe vida. Portanto, quando definimos vida e ser humano, estamos determinando as múltiplas manifestações da vontade de potência que agem sobre eles.

A vontade de potência continuamente interpreta; não existem fatos, nada em si, nem objetividade, o que há são interpretações. Logo, todo interpretar tem um caráter perspectivo e relativo, pois não havendo conhecimento absoluto, todas as explicações de mundo têm interpretação relativa. Em Nietzsche, interpretar é um processo, um constante "vir-a-ser".[8]

2.3 A transvalorização

Um louco, nas primeiras horas da manhã, corre com um lampião na mão pelo mercado exclamando: "Procuro Deus! Procuro Deus!" Muitos começam a zombar dele, até que o louco pára:

> *"Onde está Deus?", ele grita. "Eu lhes direi. Nós o matamos – vocês e eu. Todos nós somos seus assassinos." [...] "Não ouvimos apenas o barulho dos coveiros que estão sepultando Deus? [...] Deus está morto [...] e nós o matamos."* [9]

Com a morte de Deus[10], os valores e a moral tradicional não existem mais, pois "Deus está morto e esses pecados morreram com Ele". [11] Nietzsche se autodenomina "o primeiro imoral" porque procura a negação de todo valor transcendente, através de sua transvalorização[12]. A moral nietzschiana é encontrada no próprio individuo, através da interpretação da vontade de potência que deve seguir os impulsos espontâneos. Não podemos entender essa moral como um conjunto de normas e regras destinadas a regulamentar a conduta do homem em seu relacionamento social, mas como vontade. "O homem livre não depende, para agir, de normas superiores; o centro da moralidade está no seu querer, ele é não-ético, porque em tudo quer depender de si e não de uma tradição". [13]

Nietzsche, também, rejeita a noção de bem e mal. Deus seria o criador desses conceitos: "rendi homenagem a Deus, como é justo, fazendo-o Pai do mal"[14]. Portanto, o único valor existente é aquilo que o próprio indivíduo determina e este está além do bem e do mal. É nessa busca pela por uma nova moral

---

[6] Mariana Cunha, "Sucedâneos à ética clássica: reflexões sobre o agir humano e o além do homem nietzschiano" in *Trans/Form/Ação,* São Paulo, 2005, p. 57.
[7] González, p. 812.
[8] Cunha, p. 54.
[9] Friedrich Nietzsche, "The Gray Science" in *The Portable Nietzsche* (Nova Yorque: Viking Press, 1954), p. 95.
[10] Tem-se argumentado se Nietzsche estaria se referindo a morte literal de Deus. No entanto, a interpretação correta parece ser entender a morte de Deus como seu esquecimento ou, até mesmo, sua inexistência.
[11] Friedrich Nietzsche, *Thus Spoke Zarathustra* (Nova Yorque: Viking Press, 1966), p. 125.
[12] Norman L. Geisler, *Ethics: alternatives and issues* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1971), p. 33.
[13] Gonzáles, p. 813.
[14] Friedrich Nietzsche, *Genealogia da Moral,* (São Paulo: Brasiliense, 1988), p. 332.

(transvalorização de todos os valores) que o conceito de verdade absoluta é criticada e o ateísmo visto como instituição libertadora.

2.4 Moral nobre e moral escrava

Desse aspecto de transvalorização, surgem duas perspectivas éticas. A moral nobre e a moral escrava. "Não se trata de modos diferentes de valorização, mas de modos de ser diferentes, de naturezas diferentes"[15]. A primeira seria a moral dos governantes e dos líderes e a segunda seria a moral dos fracos, do homem comum.

A moral nobre é um triunfante "sim" ao próprio ser[16]. Ela é usada pelos dominantes os quais devem definir o conceito de bom[17]. Esse é o conceito de moral proposto em sua filosofia, pois é fundamentada, não na vontade universal, mas na vontade de potência[18].

A moral escrava ou moral de servidão tem como centro o cristianismo. É aqui o foco de origem da oposição entre o "bem" e "mal". Segundo Nietzsche essa moral necessita de outro mundo (o mundo das idéias, da metafísica e do cristianismo) em relação ao qual se estabelecem valores absolutos e universais. Ela é uma reação à incapacidade de ação sobre os nobres, por isso necessitam de regras universais para condená-los em uma vingança imaginária[19]. Nietzsche explica na seguinte analogia:

> *Que as ovelhinhas tenham rancor às grandes aves de rapina, não surpreende: mas, não é motivo para censurar às aves de rapina o fato de levarem as ovelhinhas. Se as ovelhas dizem entre si: 'essas aves de rapina são más; e quem for o menos possível ave de rapina [...] e sim ovelha – esta não deveria ser boa?', não há nada que objetar a esse modo de erigir um* ***ideal****, exceto talvez que as aves de rapina assistiriam isso com ar zombateiro.* [20]

O cristianismo, sendo o maior propagador de valores universais é alvo da crítica nietzschiana. Ele declara: "a maior das desgraças da humanidade tem sido o cristianismo"[21]; "O cristianismo tem, deliberadamente, difundido o veneno da doutrina dos direitos iguais. O cristianismo destruiu nossa felicidade".[22] "Eu condeno o cristianismo e o confronto com a mais terrível acusação que um acusador pode ter em sua boca. Para mim, é a maior das concebíveis corrupções"[23].

3. Crítica à moral nietzschiana

3.1 Há sentido sem a Imortalidade e Deus?

A partir da filosofia de Nietzsche, é possível concluir que somos subproduto acidental da natureza, resultado de forças que se relacionam e formam a vontade de potência. Se Deus não existe, o universo está condenado à morte. A energia utilizável do universo está se esgotando como um relógio a

[15] Gonzáles, p. 817.
[16] Nietzsche, *Genealogia da Moral*, p. 29.
[17] Apesar de Nietzsche não considerar os conceitos de bem e mal cristãos, ele admite a moral nobre como sendo boa, pois esta é a extravasão do próprio ser. Para ele, a moral escrava é ruim, mas não má em si mesma.
[18] Nilson Fernandes Dinis, "Nobreza e servidão em Nietzsche: um desafio ético para a Psicologia Social", in *Interação em Psicologia*, Curitiba, 2003, p. 3.
[19] Gonzáles, p. 816.
[20] Nietzsche, *Genealogia da Moral*, p. 43.
[21] Friedrich Nietzsche, *El Anticristo* (Madrid: Anaya editores S.A., 2003), p. 81
[22] Idem, p. 66.
[23] Idem, p. 230.

corda que começa a atrasar[24] e a vida terrestre está ameaçada. O fim de cada um é a morte. A humanidade, assim, não passa de um enxame de mosquitos, pois seu fim é idêntico.

As longas horas gastas em estudo, as contribuições dos cientistas, as pesquisas médicas, a tecnologia, as amizades e o domínio absoluto da moral nobre são inúteis, pois logo terão um fim. Não

existe sentido na busca de si mesmo, se, em breve, o "vir-a-ser" será encerrado. Qual a razão de atingir o "além-do-homem" [25] se logo ele será destruído? Portanto, para que a filosofia nietzschiana tenha sentido a imortalidade é necessária e não o ateísmo.

Seguindo a noção de Nietzsche, se não há Deus, não podem existir certo e errado objetivos. No entanto, o ser humano não pode viver dessa maneira. [26] O horror de um mundo sem valores é claro quando se observam o holocausto, a tortura física de prisioneiros e o abuso de crianças. Seria a vazão dos instintos suficientes para negar as mazelas do mundo sem valores? O homem de moral nobre seria eternamente dominador ou estaria sujeito a essas atrocidades? Uma vez sujeito a essas atrocidades, seria o encontro com ele mesmo suficiente para se manter alheio à dor? Como explicar o rompimento do próprio Nietzsche com o compositor Richard Wagner por causa do anti-semitismo e do nacionalismo germânico estridente no compositor[27]? E quanto ao auto-sacrifício? Consideraria o homem de moral nobre um ato estúpido se sua mãe salvasse sua vida com um transplante ou o exprimir dos próprios instintos é suficiente para aceitar a morte?

Através dessas perguntas podemos compreender que a vida sem valores é impraticável e insustentável. Para que haja sentido, são necessários valores objetivos e para que existam esses valores, pressupõe-se Deus.

3.2 A verdade absoluta existe?

Segundo Nietzsche, não existem fatos, nada em si, nem objetividade, o que há são interpretações. [28] Mas, o ser humano exige a verdade em, praticamente, todas as áreas da vida. Exige-se a verdade entre pais e filhos, entre marido e mulher, com os médicos porque queremos ter a receita verdadeira e o procedimento adequado, nos tribunais e nos meios de transporte também queremos segurança total. Sempre exigimos a verdade quando as decisões afetam nosso dinheiro, nossos relacionamentos, nossa segurança e nossa saúde. [29]

De acordo com os autores Geisler e Turek a verdade possui alguns aspectos: (1) ela é descoberta e não inventada, pois possui existência independente, como as leis da física. (2) A verdade é imutável, apesar de nossas crenças sobre ela poderem mudar, exemplo de como a Terra ainda era redonda quando se acreditava na Terra plana. (3) As verdades relativas são absolutas, supõe-se que

[24] Robert Jastrow, *God and the Astronomers* (Nova Yorque: Norton, 1978), p. 48
[25] Nietzsche argumentava que o além-do-homem não é o fim último de nosso processo histórico e, também, não é uma meta a ser atingida, porque seria desejar a terra da mesma maneira que os cristãos desejam o céu. O além-do-homem seria a ruptura com a submissão ao universal da visão cristã (e a visão individualista, para não migrar para o extremo oposto desse dualismo - universal/individual). Portanto, com essa definição se cai no indeterminismo de seu pensamento, deixando a interpretação do além-do-homem obscura. Dessa maneira o além-do-homem se aproxima mais ao nada do que a um ser humano superado.
[26] Willian l. Craig, *A veracidade da fé cristã,* (São Paulo: Vida Nova, 2004), p. 65
[27] Craig, p. 66.
[28] Cunha, p. 54
[29] Norman Geisler e Frank Turek, *Não tenho fé suficiente para ser ateu* (São Paulo: Editora Vida, 2006), pp. 35 e 36

alguém tenha sentido calor no dia 20. Apesar de parecer uma verdade relativa, ela é absoluta, porque para todo o mundo e em qualquer época esse alguém sentiu calor no dia 20. [30]

Por último, a afirmação de Nietzsche de que todas as verdades são relativas e fatos objetivos são inexistentes é uma verdade absoluta ou relativa? Se for relativa, ela é digna de confiança? E se for absoluta, essa afirmação é verdadeira?

3.3 A filosofia de Nietzsche é lógica?

Ao analisar a filosofia de Nietzsche encontramos pelo menos dois problemas lógicos. O primeiro deles: se tudo são interpretações da vontade de potência, porque acreditar que a interpretação da vontade de potência de Nietzsche é a verdadeira para toda a humanidade? Não seria apenas mais uma interpretação relativa e não objetiva? Segundo, a vazão dos instintos e a vontade de potência implicam em atitudes existenciais e sentimentais, pois os instintos não implicam em razão. [31] Portanto, seria a melhor opção acreditar em uma cosmovisão que aproxima o homem dos animais?

4. Conclusão

Ao final desse estudo pode-se concluir que a moral e a filosofia nietzschiana possuem lacunas lógicas evidentes, tornando sua cosmovisão impraticável e incompatível com as exigências éticas do ser humano.

É razoável rejeitar essa filosofia moral porque não existe sentido no pensamento de Nietzsche sem a imortalidade e sem Deus. Além disso, o conceito de verdade absoluta pode ser evidenciado e, por último, a filosofia de Nietzsche é marcada pelo indeterminismo quanto a consistência de sua interpretação de mundo, usando o conceito de vontade de potência.

[30] Geisler e Turek, p. 38.
[31] Craig, p. 73

Bibliografia

CRAIG, Willian L., *A veracidade da fé cristã*, São Paulo: Vida Nova, 2004.

CUNHA, Mariana P. S., "Sucedâneos à ética clássica: reflexões sobre o agir humano e o além do homem nietzschiano" in *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 2005.

DINIS, Nilson F., "Nobreza e servidão em Nietzsche: um desafio ético para a Psicologia Social" in *Interação em Psicologia*, Curitiba, 2003.

GAARDER, Jostein, *O mundo de Sophia: romance da história da filosofia,* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GEISLER, Norman L., *Ethics: alternatives and issues*, Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1971.

GONZÁLES, Leopoldo J. F., "A estética da vitória na filosofia de Nietzsche" in *Fragmentos de cultura*, vol 10, n.4, Goiânia, jul/ago de 2000.

GRUNWALD,Henry, "The year 2000: is the End - Or Just the Beginning?" in *Time,* 30 de março de 1992.

NIETZSCHE, Friedrich, *Beyond Good and Evil*, Chicago: Henry Regnery Company, 1966

_____, "The Gray Science" in *The Portable Nietzsche*, Nova Yorque: Viking Press, 1954.

_____, *El Anticristo,* Madrid: Anaya editores S.A., 2003.

_____, *Genealogia da Moral,* São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____, *Thus Spoke Zarathustra,* Nova Yorque: Viking Press, 1966.

OLIVEIRA, Cristina G. M., *F. Nietzsche: a determinação de valor sob a óptica da vida*, Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de mestrado não publicada.

ROBERT , Jastrow, *God and the Astronomers*, Nova Yorque: Norton, 1978.

SUGIZAK, Eduardo, "A culpa, um debate entre a epistemologia da psicologia profunda e a teologia moral" in *Fragmentos de cultura,* vol. 15, n.1, Goiânia, jan. de 2005.

TUREK, Frank; Geisler, Norman. *Não tenho fé suficiente para ser ateu*, São Paulo: Editora Vida, 2006.

WOGAMAN, J. Philip, *Christian Ethics: a historical introdution,* Louisville, Kentucky: John Knox Press, 1993.